

Vere Gordon Childe em Portugal. Uma pequena história (moral?) sobre um jovem lobo ainda inexperiente e uma raposa matreira

VICTOR S. GONÇALVES*

RESUMO

O grande arqueólogo Vere Gordon Childe vem a Portugal em 1949. A convite do Governo português. Um arqueólogo marxista convidado por um governo que odiava o marxismo, perseguia e matava os seus adeptos? Como foi possível? É difícil sabê-lo hoje, mas um jovem aprendiz de historiador, que traduzira com Vitorino Magalhães Godinho três livros do Mestre num só, «O Homem faz-se a si próprio», quer aproveitar a estadia para um inquérito destinado a uma revista «de esquerda», a «Vértice». Este episódio era desconhecido até hoje e, naturalmente, nunca foi do conhecimento de Childe, até ser encontrado entre os livros de Manuel Heleno, todo poderoso professor da Faculdade de Letras, director do Museu Nacional de Arqueologia, um volume da edição portuguesa do livro de Childe... a ele, Childe, dedicado, por Borges de Macedo, e contendo uma simples folha dactilografada com um inquérito. Manuel Heleno meteu tudo na gaveta e a história morreu antes de ter começado. Uma fábula moderna sobre um jovem lobo e uma raposa matreira. Ambos foram longe nas carreiras académicas, mas de positivo apenas a obra de Borges de Macedo permanece na luz que justificadamente merece. A outra nunca se concretizou, a não ser pela destruição maciça de monumentos e sítios. Moral da história? Nenhuma.

Palavras-chave: Gordon Childe – Borges de Macedo – «O Homem faz-se a si próprio» – História da Arqueologia em Portugal

* Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ). SHIU (Grupo «QUATRO»). Faculdade de Letras. P-1600-207 Lisboa Portugal. vsg@campus.ul.pt.

ABSTRACT

The great archaeologist Vere Gordon Childe comes to Portugal in 1949, at the invitation of the Portuguese Government. A Marxist archaeologist invited by a government that hated Marxism, chased, tortured and killed its supporters? How was it possible? It's hard to know today.

Nevertheless, Borges de Macedo, a young historian's apprentice who translated with Vitorino Magalhães Godinho three books of the Master in one, «Man makes himself», tries to interview Childe for «Vértice», a Portuguese gauchist magazine. This episode remained unknown until now, and, of course, Childe never knew about it.

A few years ago, a book has been found in the personal library of Manuel Heleno, the all-powerful professor of Macedo, Director of the National Archaeological Museum. That was the Portuguese edition of Childe's book... dedicated to him by Borges de Macedo. It contained a single typewritten sheet of paper with twelve questions from Macedo to Childe, and a letter from Macedo asking Heleno's intervention. Manuel Heleno put everything in the drawer, and the story ended before it began. A modern fable about a young wolf and a cunning fox. Nowadays, only Borges de Macedo's work remains in the light that it justifiably deserves. Moral of the story? None.

Keywords: Gordon Childe – Borges de Macedo – «Man makes himself» – History of Archaeology in Portugal

- Para que tens essa grande gaveta, Avozinha?
- Para nela guardar tudo o que não quero ver.

Nova história do Capuchinho Vermelho

1. PREAMBULANDO

Vere Gordon Childe (nascido em Sydney, 14 de Abril de 1892 e falecido nas Montanhas Azuis, a 19 de Outubro de 1957) esteve em Portugal entre 21 de Dezembro de 1949 e 1 de Janeiro de 1950. Mas que faria, num estado autoritário e medíocre, dirigido por um catedrático de Coimbra, uma figura como a sua? E que impacto teve a sua visita? E como reagiram os indígenas a tão inusitado e irrepetível facto?

À primeira questão, a resposta é simples: não sabemos. À segunda, alguma coisa se sabe, uma vez a Vértice e, compreensivelmente o co-tradutor de Childe, se terem imediatamente interessado pela presença do australiano e terem pensado numa entrevista. À terceira questão, é mais fácil responder: a esmagadora maioria dos indígenas de então era completamente iletrada (e ainda hoje o é, a nível da iliteracia funcional, veja-se o estado em que tantos alunos entram nas Universidades) e sabia lá quem era Childe (nem se interessava por saber, à excepção de alguns republicanos, crentes no advento de melhores tempos). Os homens do regime, se olhassem bem, do que duvido, veriam um perigoso vermelho, de costumes suspeitos. Quanto aos resistentes ao Estado Novo, preocupavam-se mais (e justificadamente) em sobreviver num País assim, governado ao som de Deus, Pátria, Família, do que com pequenos assuntos como este.

Esta é, naturalmente, uma leitura pessoal de uma pequena história, que para alguns optimistas seria socialmente muito mais exemplificativa de uma época

que de uma pessoa: o formigueiro acima da formiga. Ou estarão enganados os que assim pensam, e as formigas e os formigueiros sempre foram uma só, e única, realidade, indivisível e preocupante?

Como alguns arqueólogos da minha geração, li «O Homem faz-se a si próprio» e os pequenos livros da «Colecção Saber», mas cresci em termos de Pré-História Europeia com a «História da Civilização Ocidental», cujos fascículos me chegavam pelo correio e cuja encadernação fui pagar à Calçada do Combro. E a parte da Pré-História, a abrir os dois tomos, consistia num belo estudo de Gordon Childe, o primeiro dele que efectivamente li.

Marcou-me mesmo essa leitura liceal?

Sou sincero: certamente menos que a «Economia dos Descobrimentos Henriquinos», de Vitorino Magalhães Godinho, o primeiro livro de História que me fez perceber que havia outra História, para além do que nos obrigavam a ler no Liceu. E que História!

Tinha lido a História de Portugal de Alexandre Herculano quando andava na 4ª classe e, mais tarde, um pouco de Oliveira Martins e a então inevitável «História de Barcelos». Mas Magalhães Godinho, muito mais que Jaime Cortesão e António Sérgio, tinha sido a verdadeira luz ao fundo de um (muito) escuro túnel. E a obscuridade de que sempre tanto gostei, a ponto de a escolher para epitáfio¹, era outra, não esta a que me fixavam os manuais escolares e os autores do regime.

Ora Vitorino Magalhães Godinho era um dos tradutores de «O Homem faz-se a si próprio», a par de um tal Jorge Borges de Macedo, que, até ao meu primeiro ano de Faculdade, totalmente desconhecia.

Muitos anos depois, quando os Cadernos de Campo de Manuel Heleno vieram à superfície (e que desilusão eles foram, a não ser para os ingénuos que esperavam junto a uma imaginária sarça ardente as revelações do século), com eles foi vendida a biblioteca do ex Director do Museu Nacional de Arqueologia e da Faculdade de Letras de Lisboa.

Por princípio, não compro livros antigos, a que possa ter acesso directo em formato sólido ou digital, e, não havendo outra razão, não me interessei pelos volumes daquela colecção. Tal não aconteceu com João Luís Cardoso, conhecido bibliófilo, em cuja casa apreciei já notáveis séries de publicações dos sécs. 19 e 20. E, sabendo da minha estima por Gordon Childe (e por Jorge Borges de Macedo), ele contou-me uma história e sugeriu-me a sua publicação. Como podia assim recusar recordar, num mesmo sítio, um autor que ainda hoje aprecio (e de que editei e prefaciei, na minha colecção «Tempo Aberto», o notável «Para uma recuperação do Passado») e uma figura cimeira da historiografia portuguesa,

¹ Uma simples frase de Boris Vian : «J'ai passé le plus clair de mon temps a l'obscurcir, parce que la lumière me gêne.».

que acompanhei, desde 1969, em longas conversas, a quem fui o primeiro a dar a notícia do 25 de Abril, numa madrugada longínqua?...

João Luís Cardoso tinha encontrado, dentro do volume de «O Homem faz-se a si próprio», que comprara como sendo de Manuel Heleno, um envelope com um questionário dactilografado, uma carta de Borges de Macedo a Manuel Heleno, um cartão de Borges de Macedo para...Gordon Childe. E o livro tinha uma dedicatória... de Borges de Macedo para...Gordon Childe.

Um perfeito exemplo, como se verá, de como os jovens lobos são, por vezes, detidos pelas raposas matreiras... ou de como elas arriscam pouco, para defender um galinheiro em que o jantar esteja sempre garantido.

O autor agradece a João Luís Cardoso a cedência da documentação deste «caso», *rated* XXX, a Jorge Braga de Macedo a cedência das fotografias não datadas de seu Pai, trabalhando em casa, ao Museu Nacional de Arqueologia a autorização para reproduzir a fotografia de Manuel Heleno, à *Cota Zero* a imagem de Gordon Childe com o seu *teddy bear*, uma fotografia de que gosto particularmente.

Tratei digitalmente todas as imagens, que estavam, sem excepção, em muito mau estado. Os documentos manuscritos têm como suporte papéis de má qualidade e o tratamento digital de imagem foi neles particularmente duro, com contraste pesado e eliminação de manchas quase pixel a pixel. E do papel das saudosas Edições Cosmos, do fim da década de 40, é melhor nem falar. Mas o que elas pretendiam (vender barato cultura de elite...) nada tinha que ver com isso e não é por aí que as devemos avaliar. Não há hoje nenhuma editora com a enorme função social que ela teve. E isso é dizer muito.

2. GORDON CHILDE EM PORTUGAL

Vere Gordon Childe vem a Portugal por convite do Governo português no Natal de 1949. Pouco ou nada se sabendo das razões do convite, é interessante ver quem são as figuras nacionais que o escoltam na sua viagem pelo Portugal arqueológico. António Carvalho, num estudo chave para esta época, procurou recuperar percursos e intenções (1989).

O itinerário escolhido para ou por Childe visita sequencialmente as estrelas da Arqueologia portuguesa da época, grutas artificiais, grutas naturais, um *tholos*, três povoados da Idade do Ferro, várias antas e um povoado pré-histórico:

- Região de Lisboa: Alapraia, S. Pedro do Estoril, Poço Velho, *Tholos* do Monge.
- Norte de Portugal: Citânia de Briteiros, Castro de Sabroso, Citânia de Sanfins.
- Alentejo: Anta de S. Diniz (Pavia); Antas das Herdades do Cré e do Coelho (Ciborro, Montemor-o-Novo); Anta da Candeeira (Serra d'Ossa); S. Bento de Cás-tris (um pouco de turismo não faz mal...), Antas do Ciborro (Montemor-o-Novo).

A opulenta Cascais, o Norte dos castros e das citânias, o Alentejo das antas... era o que se podia mostrar num País de opereta, em que a Arqueologia enquanto Ciência praticamente não existia. E Childe sabia-o. Veja-se o curto e formal texto que escreve no Livro de Visitas da Junta de Turismo de Cascais: «¹The excavations of my extremed colleagues Father Jalhay ² and Major Afonso do Paço have added an extreme ³ scientific interest to the renowned touristic attraction of ⁴ Estoril so famed for its climate and the wise measures ⁵ taken to preserve the monuments and the precious objets ⁶ discovered in them and to publish them in the interests of ⁷ knowledge are a wise supplement to the measures taken ⁸ to embellish this beautiful spot // V Gordon Childe 22.XII.1949».

Os presumidos ou confirmados acompanhantes são também estrelas da arqueologia de regime da época (mas é também verdade que não havia outra...) ou personagens menores: Afonso do Paço, Eugénio Jalhay, Mário Cardozo, Manuel Heleno, Major Ismael Spínola, Maxime Vaultier, que oferece uma sua casa para um cocktail de despedida. Só mesmo em Évora é recebido por figura de primeiro plano, não da Arqueologia, mas da História da Arte: Mário Tavares Chicó, para mim um dos melhores sete professores que tive na Faculdade de Letras de Lisboa².

António Carvalho escreve : «Da visita de V. Gordon Childe apenas resulta a publicação de um artigo na *Revista de Guimarães*. Nada mais de concreto, que seja do nosso conhecimento, resultou deste contacto. Pensamos que a Arqueologia portuguesa da década de 40 e 50 perdeu aqui uma oportunidade «histórica», para aproveitar o contacto com um dos arqueólogos que mais fortemente influenciou a disciplina nos anos subsequentes e se tornou num marco fundamental e obrigatório, não só no estudo da Pré-História Europeia, como no estudo da própria Arqueologia.» (op. cit., p. 108). Pensa A. Carvalho e pensa muito bem. As posteriores publicações de livros de Childe tiveram também um impacto quase nulo e só depois do 25 de Abril se editou, na colecção *Tempo Aberto*, que dirigi na Bertrand, um seu livro fundamental. Mas era já tarde demais. Outras emergências dominavam agora a cena e Childe passaria para trás do Clarke azul, ultrapassado pelo terramoto do ano Binclarke, entrando justificadamente para a (gloriosa) história da Arqueologia.

3. O MOVIMENTO DE JORGE BORGES DE MACEDO

A vinda a Portugal de Vere Gordon Childe era uma oportunidade única para alguém fora do regime o questionar sobre Arqueologia... e sobre as suas opções ideológicas. Mas como fazê-lo? Childe estava bem guardado pela arqueologia do Estado Novo e os acessos a ele foram controlados com eficácia. Vinha ver sítios

² Os outros seis? Sem qualquer ordem qualitativa: Oliveira Marques, Veríssimo Serrão, Jorge Dias, Borges de Macedo, Orlando Ribeiro, Lindley Cintra...

ilustres do ilustre passado lusitano, nada de pensar em levá-lo a Universidades ou a contactos com outras gentes. Vinha, via e partia, caso encerrado. Nem o Instituto Britânico sabia dele (ou fingia não saber). Veja-se a carta de Macedo a Heleno, linhas 9 a 12...

Jorge Borges de Macedo dirige-se a Manuel Heleno da seguinte forma:

«^{/1} Ex^{mo} Senhor Doutor Manuel ^{/2} Heleno e meu prezado Mestre ^{/3} A revista *Vértice* de Coimbra ^{/4} sabendo da estadia em Portugal ^{/5} do Prof. Gordon Childe pediu- ^{/6} -me que o entrevistasse. A minha ^{/7} primeira ideia foi dirigir-me ao ^{/8} Senhor Doutor, mas temendo in- ^{/9} comodá-lo preferi a via Instituto ^{/10} Britânico que no entanto não ^{/11} me foi viável pois não sabe ^{/12} onde se encontra o prof. G. Childe. Resolvo ^{/13} então recorrer à nunca desmentida e ^{/14} injustificada benevolência do senhor ^{/15} Doutor. Será possível o Senhor Doutor ^{/verso 1} ajudar-me? Pedia ao Senhor Dr. ^{/2} o favor de me dizer se seria ^{/3} possível fazer chegar ao Prof. Childe ^{/4} a entrevista que elaborei para «*Vértice*» ^{/6} Com os melhores agradeci- ^{/7} mentos sou o aluno sempre ^{/8} grato ^{/9} Jorge de Macedo ^{/10} P.S. – Incomodarei o Senhor Dr ^{/11} telefonando-lhe para me infor- ^{/12} mar do que o senhor Dr houver ^{/13} por bem de me informar.».

Não se encontrou qualquer resposta a esta carta e, dado ao evoluir da situação, não me parece que tenha havido.

De qualquer forma, Jorge Borges de Macedo tinha efectuado o seu movimento, escrevendo a Heleno e enviando-lhe um volume dedicado a Gordon Childe, um cartão para ele e o texto do inquérito. O «grego», como lhe chamariam mais tarde, não respondeu e meteu o pacote na gaveta (atitude ainda hoje típica dos burocratas que não querem sarilhos ou que pretendem contornar uma situação fora da norma).

4. O INQUÉRITO PARA A «VÉRTICE».

Em 1942, a Revista *Vértice* começa a ser publicada em Coimbra, sob a direcção de Raul Gomes. E é um inquérito para a *Vértice* que movimenta Jorge Borges de Macedo (Lisboa, 3 de Março de 1921 — Lisboa, 18 de Março de 1996). Uma revista profundamente conotada com o neo-realismo (Ramon, 2008), de «esquerda», portanto, torna-se assim, sem que se saiba, o ponto central da questão Macedo-aluno – Heleno-professor.

Manuel Heleno, cuja surda oposição a Virgínia Rau a impedira de prosseguir estudos em Arqueologia, ao ver este papel desaparecido até hoje (e cuja transcrição se faz de seguida) deve ter pensado: «outro?». E a gaveta guardou carta, livro, dedicatória e inquérito. O que quer dizer: mais uma questão resolvida, antes que...

Texto em inglês, dactilografado e assinado por Jorge Borges de Macedo, mas não datado, numa folha de papel de má qualidade. Contém 12 questões e outra, a XIII, com a numeração apagada e o texto não escrito, com rasuras e correcções do autor:

- I – What is your intention in studying archaeology?
 II – At present, in which are you most interested, in the field of archaeology?
 III – How do you think the teaching of History must be made? Which subjects do you find most important to be taught?
 IV – Which importance is given to the Archaeology at the English High and Technical Schools and Universities? Are you pleased at such importance?
 V – Can you utter just now any opinions about the Portuguese archaeological stations ? In your opinion which geographical zones must be known and related to the Portuguese Archaeological Stations?
 VI – Which was the most interesting Portuguese Archaeological stations you visited? Why ?
 VII – Your position in the field of the Anthropological science is well-known. Which problems are you most interested in this subject.
 VIII – Do the recent Anthropological discoveries modify in anyway the essential of Darwin's theory?
 IX – What do you think about Carlos Ribeiro' Hypothesis on the «Tertiary Man»?
 X – What do you think about the «Homo of Muge»?
 XI – Which countries in your opinion are most advanced in the field of Archaeology?
 XII – Which Museums and Monuments interested you most in Portugal?
 XIII – [numeração apagada, sem texto]

././.

Your books «Man Makes Himself», «What happened in History» and «Progress and / Archaeology» are translated into Portuguese under the general title «O Homem faz- / se a si próprio»; it was extraordinary welcomed by the Portuguese public. Its / edition was completely sold in less than threes (sic) months.

Collaborater at «Modern Quartely», your personality as archaeologist and / rationalist is much admired in Portugal.

The readers of «Vértice» will be much obliged to you for your kind interview / which will be a n[e]w opportunity of transmitting yours thoughts to the Portuguese / public once more.

Very sincerely yours,

Jorge Borges de Macedo [*assinatura só manuscrita*]

À parte as doze questões, os três parágrafos finais são muito interessantes. Os dois primeiros visam mostrar a Childe o apreço que os portugueses cultos têm por ele, a ponto de esgotarem a edição de «O Homem faz-se a si próprio» em menos de três meses (o que talvez tenha algo de exagero, a não ser que a tiragem tivesse sido pequena). O terceiro introduz a «Vértice» e uma referência clara sobre a importância da transmissão do pensamento de Childe aos portugueses.

São três parágrafos que bem poderíamos ver no início, se não conhecêssemos a maneira particular de Borges de Macedo se expressar e a extrema importância das doze questões colocadas antes. O próprio parágrafo em que se refere à admiração que os portugueses teriam pelo perfil de Childe, como arqueólogo e como «racionalista», constitui o coração destas breves considerações. Borges de Macedo, nos seus escritos e nas suas aulas, ia primeiro directamente às questões essenciais e usava como técnica repeti-las ao longo da sua exposição. Aqui, não tinha tempo, ainda que lhe sobrasse o espaço na folha, e as razões expressas fossem claras e sólidas. Childe haveria de ter gostado de as ler, se as tivesse lido.

Na verdade, as doze questões organizam-se, quanto ao seu conteúdo, e agrupam-se logicamente de uma forma um pouco diferente da listada:

I e II: vai-se aqui quase abruptamente à relação de Childe com a Arqueologia e ao campo que nela mais o interessava. Esperaria Macedo que lhe respondessem sublinhando a Sociedade e a Economia, mais à maneira marxista que à dos *Annales*?

III: História, a maneira de a ensinar e os temas mais importantes de serem ensinados. História e Arqueologia, à maneira de Febvre e Braudel...

IV, VII e VIII: o Reino Unido e a importância que no seu ensino era dada à Arqueologia. E duas questões fundamentais, lidas numa perspectiva mais inglesa do que europeia – os problemas centrais para Childe e a influência das recentes descobertas em Antropologia em função das teorias de Darwin.

V, VI e XII: A arqueologia portuguesa, os seus monumentos e sítios, com três aspectos: as áreas geográficas nucleares, os sítios de maior interesse em Portugal e os museus existentes.

IX e X: Carlos Ribeiro e o seu homem terciário. A construção antropológico-ideológica em torno ao Homem de Muge. Uma frecha desferida ao pensamento conservador de Mendes Corrêa?

XI: Quais os países mais avançados em Arqueologia. Claro que aqui o Reino Unido e a União Soviética poderiam ser respostas do australiano. Heleno deve ter estremecido perante a possibilidade.

São assim questões colocadas de forma engenhosa, disfarçando algumas, menores, as essenciais, as que se referiam ao pensamento revolucionário de

Childe, à importância que ele sempre deu à transformação e mudança. De onde a presença de Darwin.

Em 1973, quando ensinava Pré-História no Anfiteatro 2 da Faculdade de Letras, Darwin e a evolução humana, lidas através dos admiráveis livros de André Leroi-Gourhan, com quem conversara em Paris no ano anterior, tinha dois agentes da PIDE a assistir às minhas aulas. E só o soube quando os interroguei sobre a matéria dada, com um pesado silêncio de volta e, aula acabada, Fátima Bonifácio me veio contar, divertidíssima, quem eu tinha interrogado. E quando contei o episódio a Borges de Macedo, num dos jantares no Grémio Literário para que me convidava às vezes, não percebi o seu sorriso e a sua não-resposta. Talvez se recordasse ainda do já longínquo episódio com Heleno e do seu inesperado desfecho... e sobretudo das sombras ameaçadoras que pairavam por Lisboa e sobre a liberdade de pensar de outra maneira.

5. ZERO EN CONDUITE?

Um cartão de visita de Borges de Macedo para Gordon Childe acompanhava o livro, ele próprio dedicado ao autor dos três textos conglomerados em português.

Dizia simplesmente:

«JORGE BORGES DE MACEDO /¹ Translator of your /² books «Man Makes himself», /³ Progress and Archaeology, etc, greets /^{verso} 1 you and asks you a written /² interview for the Portuguese /³ Review «Vértice», of Coimbra, /⁴ the questions of which are /⁵ enclosed. It's obvious you may modify /⁶ any questions or add any one /⁷ if you like. Yours sincerely Jorge de Macedo.»

Teria sido complicado encaminhar o pacote para Gordon Childe? Seria Manuel Heleno perseguido pelo regime se o fizesse? Interrogado pela PIDE na António Maria Cardoso? Afastado da Universidade?

Nada permite afirmá-lo ou considerar as hipóteses como cenários possíveis, ainda que...

6. JORGE BORGES DE MACEDO NA FACULDADE DE LETRAS DE LISBOA

Jorge Borges de Macedo, nascido em Lisboa a 3 de Março de 1921, licenciado em Ciências Históricas e Filosóficas pela Faculdade de Letras de Lisboa, celebra contrato como 2.º Assistente do Grupo de História (a base da carreira universitária de então) em 8 de Agosto de 1958, após ter tomado posse provisória em 6 de Fevereiro do mesmo ano. Apesar de ter concluído a licenciatura com apenas

12 valores (as médias de então eram muito baixas, mas no doutoramento viria a obter 19 valores), apresentava classificações notáveis a História Moderna e Contemporânea e a História medieval (17 a ambas) e a História de Portugal, História dos Descobrimentos e da colonização portuguesa, História geral da Civilização e Epigrafia e Numismática (16).

Passa a Primeiro assistente após o doutoramento, por autorização reitoral de 17 de Junho de 1964, a Professor agregado em 4 de Julho de 1967 e a Catedrático em 18 de Janeiro de 1968. Em 1974, é afastado da Universidade, sem qualquer razão objectiva ou prova verificada, mas seria reintegrado por decisão do Supremo Tribunal Administrativo, decisão aplicada por ordem do Reitor, em 7 de Julho de 1980. Para ele, seis longos e amargos anos.

Tal como aconteceu com Virgínia Rau, que se incompatibilizou com Manuel Heleno e pela sua pressão se afastou definitivamente da Arqueologia, fugiu Borges de Macedo da macacaria, dos neolíticos, das antas, dos S.O.M. e dos LBK? Não creio.

Ainda em 1970, quando Virgínia Rau, na sua casa da Av^{da} António Augusto de Aguiar, me convidou para ser assistente da Faculdade de Letras de Lisboa, sem saber que eu, à míngua de alternativa, tinha já assinado contrato com a Universidade de Luanda, me falava com entusiasmo de Arqueologia e da importância das análises das pastas cerâmicas, coisa que muitos arqueólogos militantes daquela época desconheciam em absoluto, ou, se conheciam, estavam muito longe de praticar. Guardando sempre silêncio sobre Heleno e Macedo. Aliás, da Faculdade falou muito pouco.

Quando o conheci, Jorge Borges de Macedo mostrava-se moderadamente interessado por Arqueologia, mas nunca teve comigo uma conversa de fundo sobre o sujeito. Falava de literatura, sociologia, economia, muito pouco de política, nada de Arqueologia. Ouvia-me atentamente conversar sobre vinhos do Douro e do Dão, desde sempre os meus favoritos, e fazia perguntas oportunas. Mas, de Arqueologia, só quando acompanhou, numa dura pré-análise formal, a fase final da minha tese de licenciatura, ao que me obrigara D. Fernando de Almeida, que receava problemas na arguição e assim pensava resolvê-los antecipadamente. E uma vez, poucos anos mais tarde, no Outono de 1973, quando descíamos o Chiado depois de jantar, e me disse, surpreendentemente a propósito de nada: «a Arqueologia em Portugal? Não tem público, nem palco para os actores». Na altura, não percebi. Mas nunca esqueci. E hoje estou parcialmente de acordo com ele: algum palco existe, ainda que pequeno, os actores é que nem sempre são bons.

Ganhara assim, sem nada ter feito por isso, não apenas um crítico aguçado e severo como um Amigo. Quando em 1989 uma vez mais me abriu as portas de sua casa, quando defendi o doutoramento, num jantar memorável, acabou a discutir com a Ana *A Montanha Mágica* e os recentemente traduzidos livros de

Hrabal, encantado por partilhar olhares, o que nele não era muito comum...

Penso assim que a preocupação com Gordon Childe tinha mais que ver com a política que com a Arqueologia. Que Jorge Borges de Macedo se interessava mais pelas grandes questões da evolução da Humanidade, a anos-luz do criacionismo, que pelo modo de obter tais conhecimentos. No questionário, perpassavam, como vimos, grandes questões e outras, mais pequenas. Poeira nos olhos dos censores? Antes de eles poderem decidir, Manuel Heleno, a velha raposa, travou o jovem lobo. Não fosse o caso...

Mas não é esse um padrão de comportamento das raposas? Que lhes garante a sobrevivência em qualquer dos muitos mundos possíveis? Sobretudo quando as uvas estão maduras e a vinha ainda não foi vindimada...

Moral da história? Nenhuma.

Lisboa, Verão de 2008,

Revisto no Verão de 2011

REFERÊNCIAS

CHILDE, V. G. (1947) – *O Homem faz-se a si próprio*. Tradução de Vitorino Magalhães Godinho; Jorge Borges de Macedo. Lisboa: Editorial Cosmos.

CHILDE, V. G. (1976) – *Para uma recuperação do passado*. Lisboa: Editorial Bertrand. (Coleção *Tempo Aberto*). Coleção dirigida por Victor S. Gonçalves.

CARVALHO, A. (1998) – Para a história da Arqueologia em Portugal. O Livro de Visitas da Junta de Turismo de Cascais. *Arquivo de Cascais. Boletim Cultural do Município*. Nº 8, p. 75-150.

GODINHO, V. M. (1962) – *A Economia dos Descobrimentos Henriquinos*. Lisboa: Sá da Costa.

GONÇALVES, V. S. (1976) – V. Gordon Childe e a recuperação do Passado.. Lisboa: Bertrand. p. 7-26. Prefácio à edição portuguesa de *Piecing together de past (Para uma recuperação do passado)*, de Gordon Childe

A HISTÓRIA da Civilização Ocidental (1964). Lisboa: Editorial Crisális.

RAMON, V. (2008) – *A Revista Vértice e o neo-realismo português*. Coimbra: Angelus Novus.



Fig. 1 – Vere Gordon Childe (foto publicada em *Cota Zero*, 2007, p. 59).



Fig. 4 – Manuel Heleno, foto sem data, cedida pelo Museu Nacional de Arqueologia. Retocada digitalmente na UNIARQ.

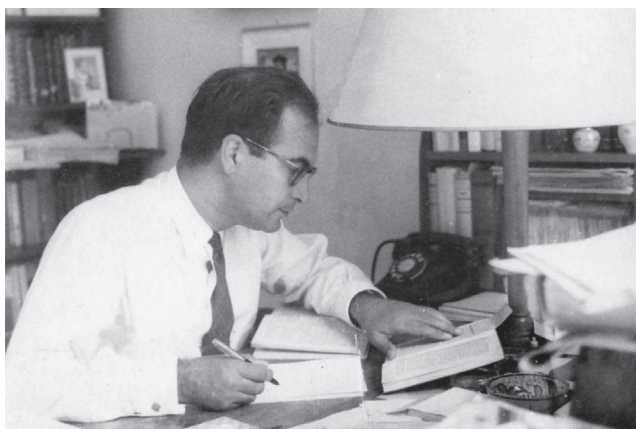
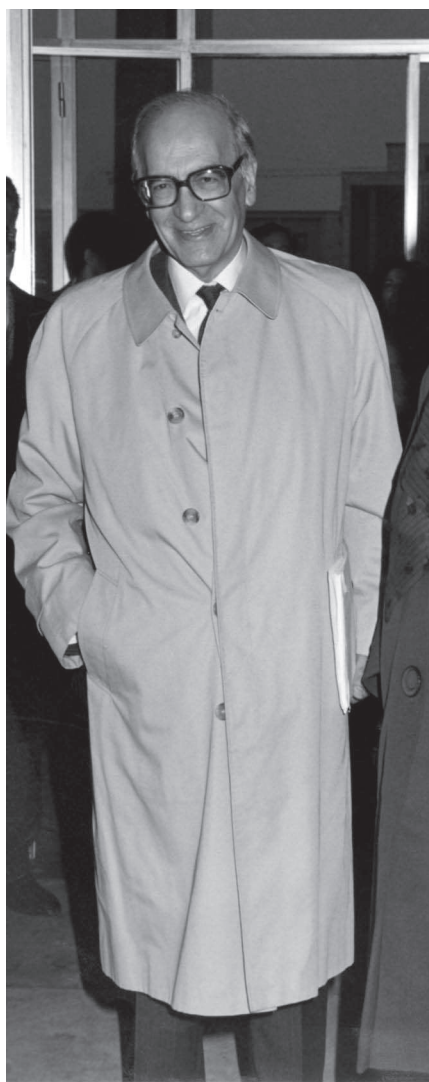
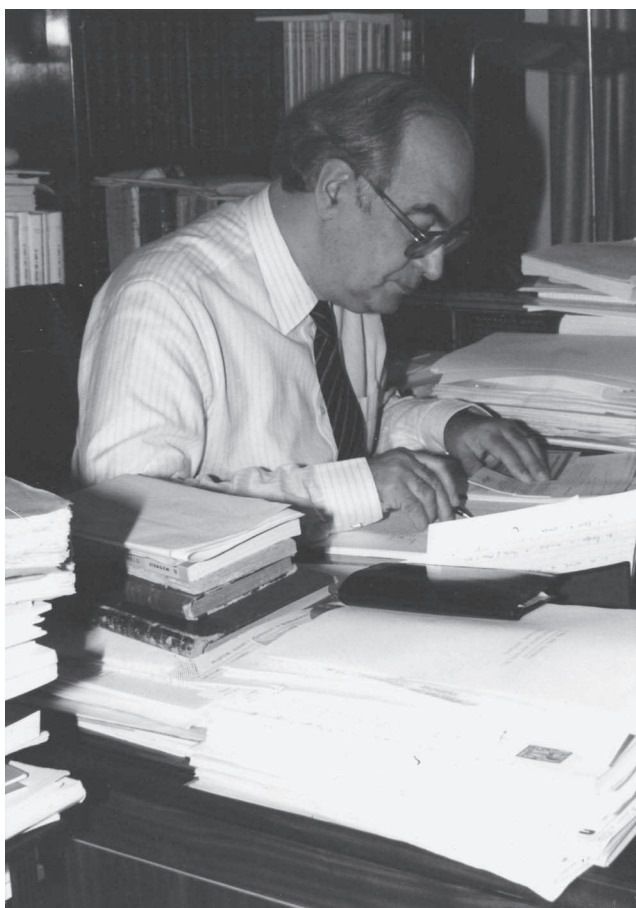


Fig. 8 A-B-C – Jorge Borges de Macedo, fotografias em sua casa, não datadas. A última (C) foi tirada na Reitoria da Universidade de Lisboa, no final das minhas provas de doutoramento (7 de Janeiro de 1989).



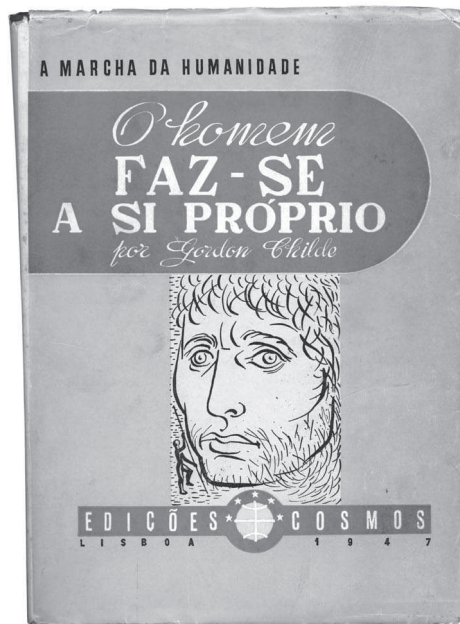


Fig. 2 – A capa de «O Homem faz-se a si próprio».

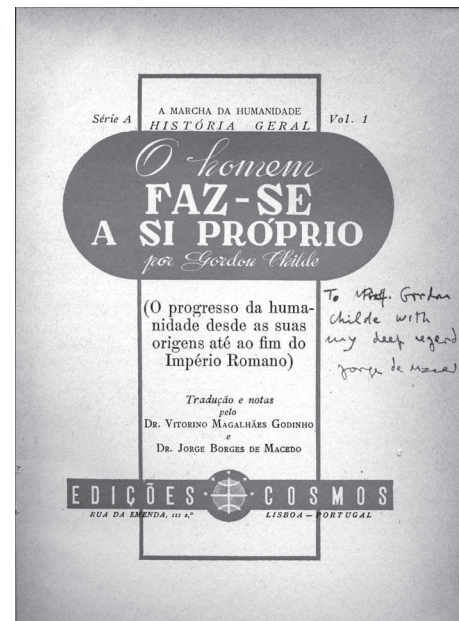


Fig. 3 – A dedicatória de Jorge Borges de Macedo a Gordon Childe.

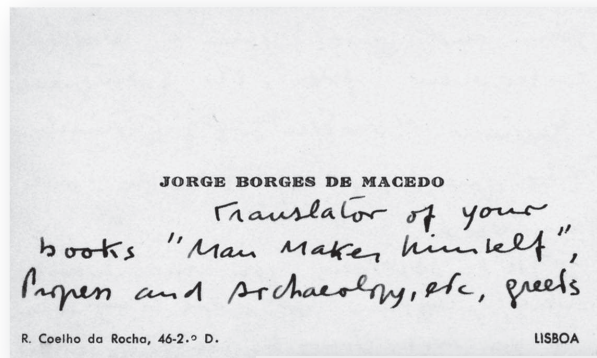


Fig. 7 – Face e verso do cartão de visita de Borges de Macedo, que deveria ter sido entregue a Childe (mas não foi...).

JORGE BORGES DE MACEDO
 Translator of your
 books "Man Makes himself",
 Prehen and Archaeology, etc, greets
 you and asks you a written
 interview for the Portuguese
 Review "Vértice", of Coimbra,
 the questions of which are
 enclosed.
 It's obvious you may modify
 any questions or add any one
 if you like. Yours sincerely Jorge de Macedo

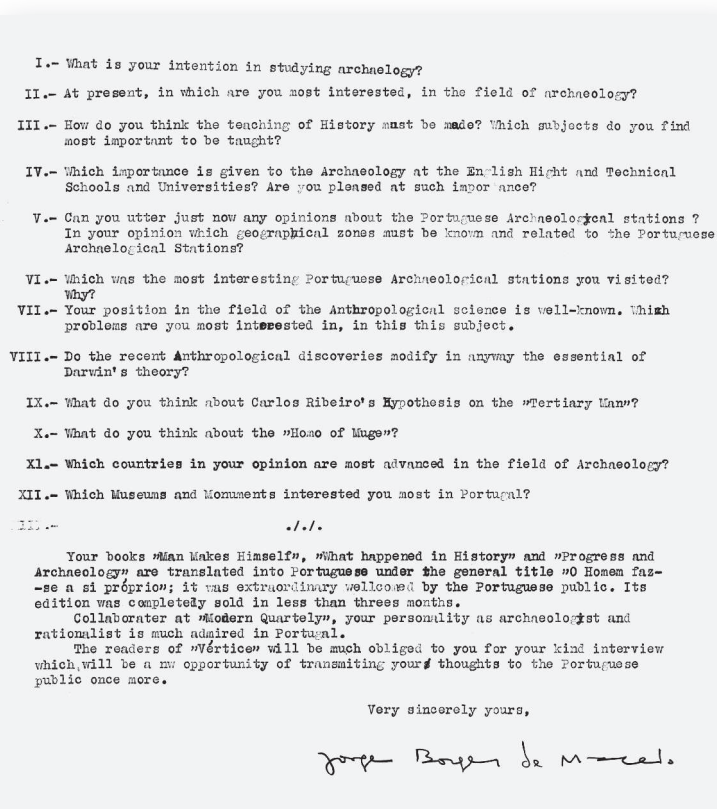


Fig. 6 – O inquérito que Borges de Macedo elaborou para Gordon Childe responder.

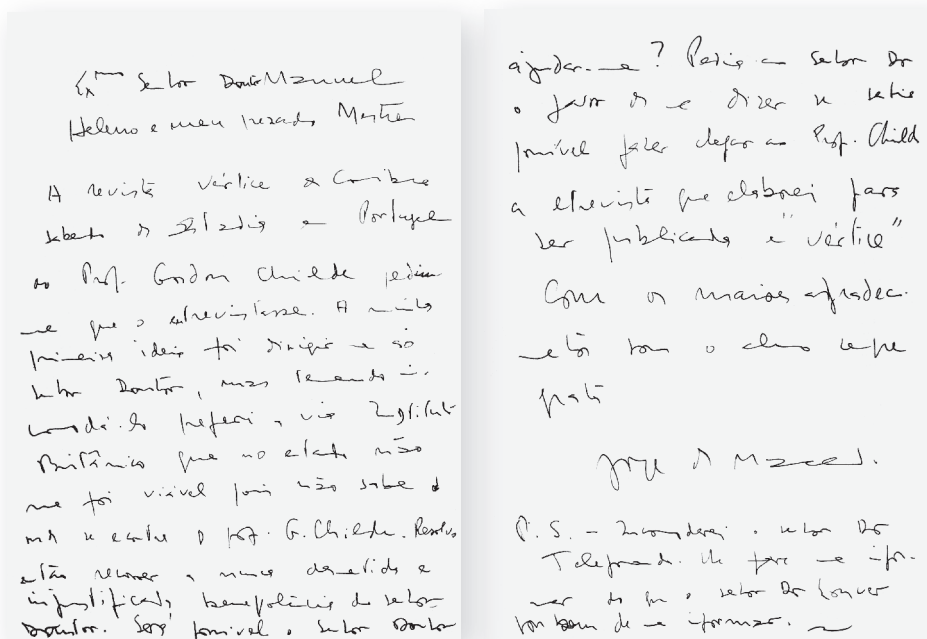


Fig. 5 – A carta de Borges de Macedo para Manuel Helénio.